



O IMPACTO DA COVID-19 NO RASTREIO DE CÂNCER DE COLO UTERINO

FRANCINNE VITÓRIA SILVA; JUAN PABLO CAMILO; LUCAS KARSTEN SOARES;
LUIZ HENRIQUE DIAS CHRIST; VINICIUS HORNBERG SANTESTEVAN.

RESUMO

A pandemia ocasionada pelo vírus SARS-Cov-19 foi declarada em março de 2020, criando vários efeitos na prestação de serviços da saúde e na sociedade. Na Atenção Primária à Saúde houve interrupção da oferta de programas preventivos, entre os quais o de rastreio de câncer de colo de útero. Estudos realizados em 2019 e 2020 revelam redução próxima de 67% em determinadas regiões do Brasil. **Objetivos:** Analisar o impacto da pandemia do COVID-19 na coleta de exame citopatológico da Estratégia de Saúde da Família Jackson Roberto Carl, de Blumenau-SC nos anos de 2020 e 2021. **Metodologia:** Para verificar o impacto da pandemia COVID-19 foi realizada a contabilização e análise descritiva dos exames citopatológicos realizados entre 30/01/2018 e 07/12/2021 quanto ao número de exames por ano de coleta, tendo como base os registros físicos da ESF. **Resultados:** No período de 2018 a 2021 foram coletados 587 exames citopatológicos. No ano de 2019, no pré-pandemia, tivemos o maior número de rastreios realizados, totalizando 210. Comparando-se 2019 e 2020 (primeiro ano de vigência da pandemia da COVID-19) foi observada um importante queda das coletas de 210 para 20, respectivamente, representando uma queda de aproximadamente 90%. Em 2021 ocorreram 168 coletas deste exame, o que representa o retorno desta ação preventiva. **Conclusão:** A relevante queda na realização de exames citopatológicos impostas pelas medidas sanitárias restritivas de distanciamento social em 2020 remete a necessidade de busca ativa das mulheres do grupo de rastreio com a finalidade de reaver esta perda de cobertura.

Palavras-chave: Rastreamento; Saúde Pública; Saúde da Mulher; Exame Colpocitológico

1 INTRODUÇÃO

No final de 2019, foi descoberto um novo vírus da família Coronavírus chamado SARS-CoV-19 e sua infecção resultava, principalmente, em sintomas respiratórios agudos que ficaram conhecidos como COVID19. Tal moléstia prejudicou praticamente todos os setores da sociedade mundial, especialmente a partir de março de 2020, período no qual foi declarada a situação de pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (BILHIM, 2021).

Com isso, medidas restritivas rigorosas foram adotadas pelo Brasil, as quais visavam um distanciamento social e realocação de recursos da saúde para a linha de frente no combate à nova emergência de saúde pública mundial. Isso ocasionou em uma redução da atividade de serviços considerados não essenciais na Atenção Primária à Saúde, tais como as consultas eletivas e programas preventivos, entre eles o de rastreio de câncer de colo uterino (CHAVES et al., 2022).

O câncer de colo uterino segue sendo uma das principais causas de mortalidade entre mulheres, sobretudo em países subdesenvolvidos. Só no ano de 2020, foram estimados 604000

novos diagnósticos e 342000 óbitos pela doença, ao longo do mundo (WHO, 2021). O método de rastreio utilizado nacionalmente é o exame citopatológico do colo uterino, também conhecido como Papanicolau, o qual consiste na esfoliação manual das células presentes na cérvix uterina. A padronização de laudos se dá pela Classificação Citológica Brasileira e o início do rastreio é preconizado para todas as mulheres com útero de 25 a 64 anos, sendo os dois primeiros exames anuais e, caso normais, passam a ser trienais (INCA, 2016).

No território brasileiro, pesquisas já exibiram impacto negativo expressivo no rastreio desta neoplasia, chegando a uma redução próxima de 67% em determinadas regiões do país, quando comparado o período de 2019 e 2020 (MILITÃO, et al., 2021; DAL'NEGRO, 2022).

Assim, o presente estudo busca responder o seguinte problema: "A pandemia da Covid-19 teve um impacto relevante sobre a quantidade de rastreios de câncer de colo uterino realizados pela ESF Jackson Roberto Carl durante o período de 2020 a 2022?"

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Foi realizado um estudo descritivo quantitativo, retrospectivo, durante as atividades eletivas de alunos do curso de medicina em estágio supervisionado no ESF Jackson Roberto Carl. Os dados referentes ao número de citopatológicos realizados entre 30/01/2018 até 07/12/2021 e a idade das mulheres foram contabilizados por ano de coleta tendo como base registros físicos dos resultados das coletas citopatológicas de colo uterino. A digitação ocorreu no programa Microsoft Excel. A análise descritiva incluiu as frequências simples dos dados.

Os agrupamentos propostos no trabalho foram: Negativo para Malignidade (NPM); Dentro dos Limites da Normalidade (DLN); HSIL; ASC-US; ASC-H; LSIL; Não Agrupável (NA). Vale ressaltar que o grupo NA foi referido devido ao laudo do citopatológico não apresentar expressamente resultado que encaixe a outro grupo. Esses grupos foram classificados, em tabelas no Microsoft Excel, por quantidade e porcentagem referente a idade e idade média. Também se realizou a quantificação total de resultados obtidos de cada ano, respeitando o intervalo de 2018 até 2021.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa realizada sobre a população de abrangência da ESF Jackson Roberto Carl a quantidade de exames citopatológicos realizados no período de 2018 a 2021 foi de 587, atingindo uma média de 146,75 rastreios anuais. No ano de 2019, no pré-pandemia, tivemos o maior número de rastreios realizados, totalizando 210; enquanto em 2020, período de início da pandemia, tivemos o menor número, com apenas 21 pacientes. No ano de 2021 houveram 168 coletas. Se forem comparadas as médias dos anos anteriores à pandemia, 2018 e 2019, com os posteriores ao seu início, 2020 e 2021; é possível, portanto, observar uma queda de cerca de 47%. Sendo ainda no período de 2019 a 2020 uma queda de 90% do total, indicando uma possibilidade de perda na janela de tempo de identificação das lesões ainda em estágio inicial.

Gráfico 1: Quantidade anual de exames

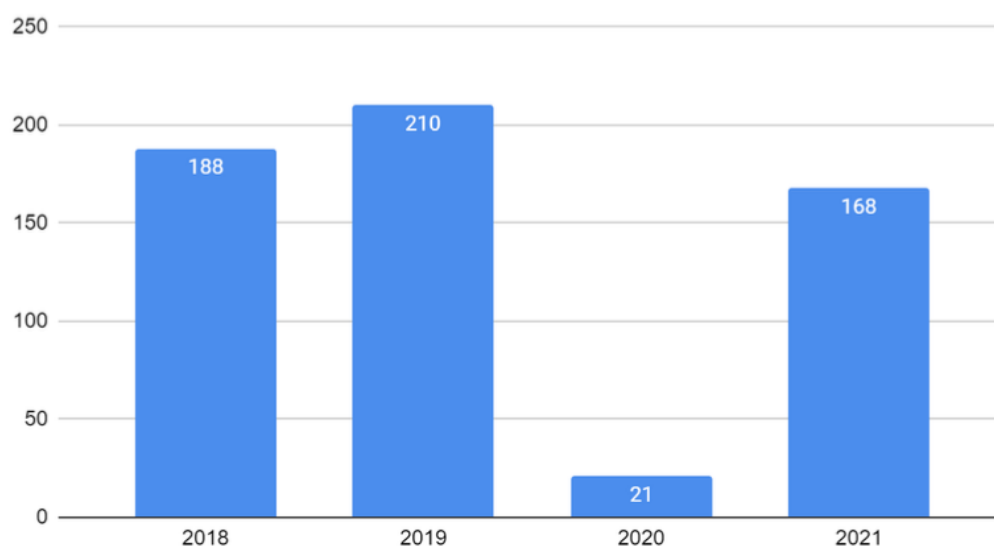


Gráfico 1 – Quantidade anual de exames. Fonte: O autor.

Analisando os resultados obtidos em cada ano, foi observado o maior número de lesões de alto grau (HSIL) no ano de 2021, correspondendo a cerca de 66% do total encontrado nos quatro anos observados no estudo, corroborando com a hipótese dos efeitos negativos da pandemia no rastreamento.

Quantificando os resultados, foi encontrado que a grande maioria das pacientes se enquadram nos grupos de Negativo Para Malignidade (NPM) e Dentro dos Limites da Normalidade (DLN), sendo algo esperado em um rastreamento.

Dentre o total, as mulheres que apresentaram algum resultado sugestivo de malignidade (ASC-US, ASC-H, LSIL e HSIL), representam cerca de 4,5% da amostra. Em relação ao grupo Não Agrupável (NA), não foi identificada, de forma explícita, a conclusão do exame, não se agrupando em outras categorias.

Gráfico 2: Quantificação dos resultados dos exames

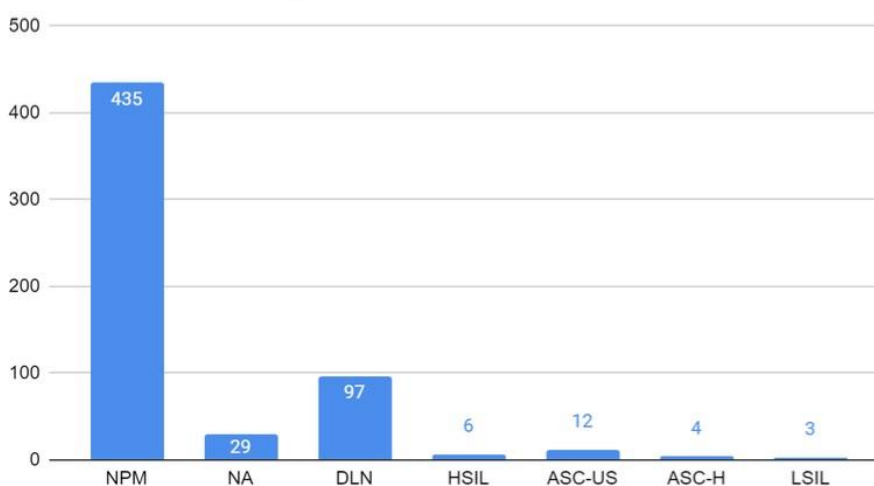


Gráfico 2 – Quantificação dos resultados dos exames. Fonte: O autor.

Quando observada a área de abrangência da ESF, identificamos 1399 mulheres, das quais, 801 entram no grupo de população-alvo preconizada pelo MS (Ministério da Saúde

2016). Nos resultados encontrados, foram contabilizados resultados em pacientes que não se enquadraram no grupo-alvo do MS, isso devido à política de rastreio da unidade de saúde em questão. A qual realiza a coleta do citopatológico de colo de útero, para toda mulher que já iniciou atividade sexual e que deseja realizar o rastreio.

A maior média de idade encontrada foi no grupo HSIL, com 45,7 anos. De forma contrária no grupo LSIL, o qual teve a menor média de idade com 26,3 anos.

Gráfico 3: Resultados de exames X Médias das idades

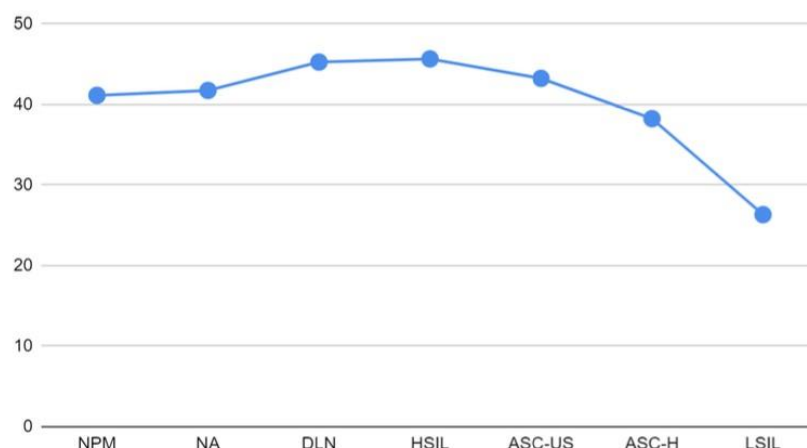


Gráfico 3 - Resultados de exames x Médias das idades. Fonte: O autor.

4 CONCLUSÃO

Com a pesquisa foi possível observar um déficit na abrangência das pacientes dentro do público-alvo preconizado pelo MS, principalmente quando observada a diferença entre os anos pré-pandemia (2018 a 2019) e o ano de início desta (2020); demonstrando claramente um impacto importante sobre o rastreio. Com a perda dessa quantidade de pacientes, a janela de tempo para atuação sobre as lesões reduz, possibilitando um aumento da identificação de lesões de maior grau quando retornarem à rotina de rastreio.

Com a base de dados da ESF, pode ser realizada a busca ativa das mulheres que nunca realizaram ou que se encontram na janela de rastreio preconizada pelo MS, por meio das visitas domiciliares das Agentes Comunitárias de Saúde da unidade, ou por meio de ligação de telefone, incentivando-as a realizar as coletas do citopatológico.

Quando diante da terceira neoplasia mais comum em mulheres (INCA, 2020), o rastreio de lesões precursoras é um importante pilar de sua prevenção, o qual não deve ser adiado ou esquecido pela população nem pelos profissionais de saúde. É necessários ainda mais estudos para concluir sobre o impacto no número de rastreios, e como isso altera os resultados, abrangendo uma área populacional maior.

REFERÊNCIAS

BILHIM, J. Impacto da Pandemia COVID-19 no Sistema Público de Saúde em Portugal e Brasil. Revista Gestão e Saúde. Março, 2021. <https://doi.org/10.26512/gs.v12i01.37724>

BOARDMAN, Cecilia et al. Cervical Cancer: Practice Essentials, Background, Pathophysiology. Medscape. 2021. Disponível em: https://emedicine.medscape.com/article/253513-overview?src=soc_tw_share. Acesso em 11 de maio de 2022.

BONADIO RC, MESSIAS AP, MOREIRA OA, et al. Impact of the COVID-19 pandemic on breast and cervical cancer stage at diagnosis in Brazil. *cancer medicals science*. 2021;15:1299. Published 2021 Oct 4. doi:10.3332/ecancer.2021.1299

CHAVES, A. et al. Impacto da Pandemia da COVID-19 no Rastreamento do Câncer de Colo Uterino no Estado de Goiás. *Brazilian Journal of Development*. Curitiba, Vol 8 (9), fev. 2022. DOI:10.34117/bjdv

DAL'NEGRO S. Impactos da Pandemia da COVID-19 no Rastreamento e Diagnóstico do Câncer de Colo do Útero no Brasil. Universidade Federal do Paraná (Campus Toledo). 2022. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/73987/TC%20-%20SADANA%20HILLARY%20DAL%27NEGRO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Diretrizes brasileiras para o rastreamento do câncer do colo do útero / Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. Coordenação de Prevenção e Vigilância. Divisão de Detecção Precoce e Apoio à Organização de Rede. – 2. ed. rev. atual. – Rio de Janeiro: INCA, 2016.

FREITAS, F. et al. Rotinas em Ginecologia. Editora Artmed, 7a edição, 2017.

<https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//estimativa-2020-incidencia-de-cancer-no-brasil.pdf>

<https://www.pfizer.com.br/sua-saude/oncologia/cancer-de-colo-de-utero>. Acesso em: 22 maio

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. Estimativa 2020: incidência do Câncer no Brasil. Rio de Janeiro: INCA, 2019a. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/estimativa/taxas-ajustadas/neoplasia-maligna-da-mama-feminina-e-colo-do-utero> (abre em nova janela). Acesso em: 11 maio 2022.

JEDY-AGBA, E. et al. Trends in cervical cancer incidence in sub-Saharan Africa. *Br J Cancer* 123,148–154 (2020). <https://doi.org/10.1038/s41416-020-0831-9>

MILITÃO, B. et al. Repercussões da Pandemia de Sars-Cov-2 na Realização do Exame de Papanicolaou: um Estudo Epidemiológico. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*. Vol 13(9), set, 2021. <https://doi.org/10.25248/REAS.e8869.2021>

Ministério da Saúde, Estimativa 2020, Incidência de Câncer no Brasil, Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. 2019. Disponível em:

MINISTÉRIO DA SAÚDE. INCA. Câncer do colo do útero. In: Instituto Nacional de Câncer. [S. l.], 25 abr. 2022. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/tipos-de-cancer/cancer-do-colo-do-utero>. Acesso em: 22 maio 2022.

PFIZER. CÂNCER DE COLO DE ÚTERO. In: Pfizer. [S. l.], c2019. Disponível em:

WHO guideline for screening and treatment of cervical pre-cancer lesions for cervical cancer prevention, second edition. Geneva: World Health Organization; 2021. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240030824>